

# A LEITURA DE "É/NÃO É" A PARTIR DE PARMÊNIDES, B2

José Trindade Santos

*Universidade Federal da Paraíba*

*Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa*

**Resumo:** Interpreto antepredicativamente o argumento de Parmênides na “verdade” do *Da natureza*. Chamo ‘antepredicativa’ a uma interpretação que, explorando a ausência de sujeito e predicado em “é/não é” (B2.3,5), lê os dois caminhos como expressões autoreferenciais, negando às formas verbais usadas o valor de cópulas. Da incognoscibilidade de “que não é” (B2.6-8a) resulta a “decisão de abandonar esse ‘não-nome’ (*anônymon*: B8.17) como via de investigação” (B8.17-18a), “deixando” ‘que é’ (B8.2) como o único [‘nome’]” (B8.1b-2a) que “pode ser pensado” (B8.18b). Nesta interpretação, ‘ser’ não é objeto de ‘pensar’, nem pensar/‘pensamento’ a faculdade que capta o “ser” (B3, B8.34), mas o estado cognitivo infalível em que “pensamento, pensar e pensado são” (B6.1a). A leitura antepredicativa de Parmênides deixou sinais em textos de Platão, Górgias e Protágoras, alguns anunciando a captura da antepredicatividade pela predicação, nos diálogos platônicos.

**Palavras-chave:** Argumentação eleática, contextos predicativo/antepredicativo, Platão, Górgias, Protágoras.

**Abstract:** In this text I interpret non-predicatively Parmenides’ argument in the “*Alêtheia*” section of his *Peri Phuseôs*. I call ‘non-predicative’ a reading that explores the absence of subject and predicate in “is/is not” (B2.3, 5) so that the verbal forms used in these “ways of research” (B2.2) are not read as copulas, but as self-referential expressions. From the impossibility of knowing “what is not” (B2.6-8a) results the “decision to abandon” that ‘no-name’ (*anônymon*: B8.17-18a) as a way of research, leaving ‘is’ (B8.2) as the only [name] (B8.1b-2a) that “can be thought of” (B8.1b). With this interpretation ‘being’ is not read as the object of ‘thinking’, nor ‘thinking’/‘thought’ as the faculty which captures ‘being’ (B3, B8.34), but as the infallible cognitive state in which “thought, thinking and what is thought are” (B6.1a). The non-predicative reading of Parmenides left traces in texts by Plato, Gorgias and Protagoras, some of them announcing the capture of non-predicative expressions by predication in Plato’s dialogues

Keywords: Eleatic argumentation, predicative/non-predicativ contexts, Plato, Gorgias Protagoras.

## I

### **Parmênides e a crítica**

Com a publicação de *Parmenides' Lehrgedicht*, Hermann Diels<sup>1</sup>, proporcionou aos estudiosos do pensamento grego clássico a primeira edição crítica do material subsistente do Poema *Da natureza*, de Parmênides. O público passou a poder ter acesso a um texto com uma unidade e estrutura criadas pela edição integral. Agrupando dezenove *fragmentos*, apresentados sequencialmente, divididos em três seções - “Proêmio” (B1), “Verdade” (B2-B8.49), “Opinião” (B8.50-B19)<sup>2</sup> -, o Poema passou a representar a sede do “pensamento de Parmênides”. No entanto, com a unificação do texto, a interpretação do Poema tornou-se um quebra-cabeças para os helenistas.

Pouco mais de um século sobre o início deste processo de apropriação do “pensamento de Parmênides” pela tradição filosófica ocidental, parece-me oportuno encarar os maiores problemas postos pela argumentação eleática, avançando algumas reflexões, historiográficas e filosóficas sobre a interpretação do Poema.

### **Um pensador paradoxal**

Não cabe dúvida da relevância da contribuição de Parmênides para a estruturação da tradição filosófica grega<sup>3</sup>. Direta e indiretamente referido, nos séc. V-IV a. C, por cosmologistas, sofistas e filósofos, mesmo os que o criticam não deixam de pagar tributo a algum passo do Poema. No entanto,

---

<sup>1</sup> H. Diels, *Parmenides' Lehrgedicht, griechisch und deutsch*, Berlin 1897. Esse material veio depois a ser incorporado nas sucessivas edições dos *Fragmente der Vorsokratiker*, criticadas pelas inúmeras edições, traduções e interpretações, em diversas línguas, de que o Poema foi objeto ao longo do séc. XX.

<sup>2</sup> O estudo dos “fragmentos” de Parmênides é enriquecido pela inclusão de cinquenta e quatro excertos relativos à “Vida e obra”, “Doutrina” e “Poesia” (DK28A). A estes acrescentam-se os contextos a partir dos quais os fragmentos são citados.

<sup>3</sup> Atestada pela diversidade de Autores que o citam, imitam e criticam. Veja-se em F. Santoro, *Poema de Parmênides, Da Natureza, Edição do texto grego, tradução e comentários*, p. 5-10, o “Prefácio”, que regista a “reconstituição arqueológica” do Poema (remetendo oportunamente para N.-L. Cordero, “L’Histoire du texte de Parménide”, p. 3-24), bem como as “Fontes dos Fragmentos e suas edições” (p. 15-18).

não só cada pensador o aproveita a seu modo<sup>4</sup>, como nenhum deles aborda o Poema mais do que pontualmente, ou sequer se preocupa com a restituição e interpretação da unidade da mensagem do Eleata.

Veja-se o caso exemplar de Aristóteles, em cuja *Física*, ao longo de quatro páginas de texto, a mensagem de Parmênides é criticada e avaliada de pontos de vista conflitantes. O Estagirita começa por considerar que Parmênides extrai de premissas erradas consequências absurdas (A2,185a9-11, B3,186a6-9, 187a5-8), para logo a seguir justificar o núcleo das concepções físicas de Empédocles e Anaxágoras (a que adiante acrescenta os Atomistas) pela sua aceitação do princípio, de inspiração eleática: “*ex nihilo nihil*” (A4,187a28-29, 33-35; A8,191a23-32). No início do capítulo seguinte, encarando-o agora como “cientista da natureza” (*physikos*), sustenta que o Eleata adoptou “o quente e o frio” como princípios contrários (A5,188a19-22; *vide Met.* A5,986b19-20, b28-987a2). Finalmente – após ter desenvolvido os princípios da sua abordagem da Física –, no início de A9, o Estagirita aponta as suas críticas à teoria platônica do “Grande e do Pequeno”, que considera ser também devedora de Parmênides (A9,191b32-192a12).

Tamanha inconsistência suscita duas perguntas e uma insinuação. Como é que um pensador cujas teorias se acham grosseiramente erradas pôde exercer sobre a tradição posterior tão decisiva influência, para mais, num domínio que lhe é estranho? Pois, se até A5 Parmênides é apresentado como um opositor à “ciência da natureza”, como é que sem explicação aparece a defender uma doutrina de contrários<sup>5</sup>? Por outro lado, não mostrará a insistência em Parmênides que, para além dos pontos em que o critica, também a concepção aristotélica da Física é devedora da argumentação eleática?

---

<sup>4</sup> No séc. V-IV, a lista inclui os discípulos, Zenão e Melisso, que refletem sobre as aporias e paradoxos gerados pela tensão entre os modos paralelos de acesso à realidade: “pensamento” e “senso-percepção”. Entre os cosmologistas, Empédocles remete implicitamente para B8 nos seus frags. 11-14, enquanto, nas suas doutrinas, Anaxágoras e os Atomistas tentam acomodar a aparência sensível à argumentação de B8 contra todas as formas de movimento. Quanto aos sofistas (Pródico, Górgias e Protágoras), o alvo das suas críticas é focado em B2, B6 e B7. Só os filósofos (Platão e Aristóteles), refletem criticamente sobre as consequências da aceitação da argumentação da “Verdade”.

<sup>5</sup> A solução do paradoxo é apontada pelo próprio Aristóteles. Reforçando o paralelo de Parmênides com os Atomistas, o Estagirita trata “quente e frio” – tal como “átomos e vazio” – como figurações do “ser e do não-ser”; vejam-se as relações entre *Física* B5,188a22-24 e *Met.* A5,985b5-20, para os Atomistas; e *Física* A5,188a19-22 e *Met.* A5,986b19-20, b28-987a2, para Parmênides). No entanto, ao ignorar a explícita contraposição da “verdade” à “opinião”, Aristóteles esquece que a teoria dos opostos não é assimilável ao argumento sobre “ser e não-ser” por figurarem como o próprio objeto da crítica eleática (B8.50-61).

Este questionamento vale para a interpretação atual de Parmênides, pois, embora ninguém ponha em causa o favor que os seus argumentos receberam na Antiguidade, as interpretações que deles nos chegaram continuam a dividir os comentadores do Poema.

### A unidade do Poema e a ordenação de Hermann Diels

Descontando a veia polémica de Aristóteles, é natural supor que tal diversidade de perspectivas não seja compatível com o respeito pela unidade do Poema, à qual, de resto, nenhuma outra fonte clássica atende<sup>6</sup>.

Constituirá, portanto, significativa novidade a “reconstrução” unitária de Diels, em cujo trabalho crítico se apoia toda a tradição da interpretação do Poema, desenvolvida ao longo do séc. XX. No entanto, é fácil perceber que tal “reconstrução” não só não resolve problemas antigos, como acrescenta alguns novos.

Por exemplo, como se explica que Diels tenha condicionado toda a interpretação do Poema ao propor a conjectura <eirgō> (“afasto”: B6.3)? Dela resulta a exposição do “pensamento dos mortais” como um “terceira via”, após as duas referidas em B2, e a insinuação da falsidade das “opiniões dos mortais” (B1.31-32; B6.4-9; B7.1-5a; B8.51-B19). Como é que, em B8.38-39, “todos os nomes que os mortais instituíram” são qualificados como “*meros (blosser) nomes*”, que aqueles estabeleceram *na sua fala (in ihrer Sprache)*? Por fim, não é verdade que a unidade da seção da “opinião” (*doxa*) resulta mecanicamente da seriação do material contido nos fragmentos B8.50-B19, *a partir da quebra de B8.50?*

Terá sido a consciência da impossibilidade de encontrar resposta para estas perguntas que levou N.-L. Cordero, numa série de estudos recentes, a contestar a relevância da *doxa* na interpretação do Poema, ou ao menos a unidade da problemática a ela associada no *Da natureza*<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Simplicio – séc. VI d. C. – será o único que se mostra sensível a esse aspecto: vide DK28A21. Note-se, contudo, não haver base para presumir que ao considerar “raro o escrito (*syngrammaton*) de Parmênides”, Simplicio esteja a aludir à versão integral do Poema.

<sup>7</sup> Vejam-se, entre outros, N.-L. Cordero, *Les deux chemins de Parménide; By Being, It Is*; “Parmenidian “Physics” is not a part of what Parmenides calls *doxa*”, in: *Parmenides, Venerable and Awesome*, p. 95-114; “Être (et non “L’Être) chez Parménide”, in: *La Filosofia come esercizio del rendere ragione, Studi in onore di Giovanni Casertano*, L. Palumbo (a cura di), Napoli 2011, p. 107-114; “Una consecuencia inesperada de la reconstrucción actual del Poema de Parmenides”, *Hypnos* 27 (2011), p. 222-229. Na origem destes trabalhos,

É a partir destas perguntas e das objeções que lhe foram dirigidas, que, questionando a interpretação corrente do *Da natureza*, como um todo, proponho uma abordagem da argumentação eleática, *focada* nos passos do Poema mais citados na época clássica. Ensaiei, a partir de B2-B3, uma avaliação sumária da recepção de Parmênides por alguns pensadores da época clássica que o referem direta ou indiretamente.

## II

### **O *Da natureza***

B2-B3

B2, mais a sua possível associação a B3, criando um bloco argumentativo autônomo, é o passo-chave do Poema. É para ele que toda a argumentação da “verdade” remete sejam as críticas à errância dos mortais<sup>8</sup> (B6.4-B7.5), seja a exposição dos “sinais de “é””, ao longo de B8.1-49. É, no entanto, difícil enfrentar com êxito a onda de problemas postos pela sua interpretação.

B2

Vamos, vou dizer-te - e tu escuta e fixa o relato que ouviste  
- quais os únicos caminhos de investigação que há para

pensar:

um que é, que não é para não ser,  
é caminho de confiança (pois acompanha a verdade);  
(5) o outro que não é, que tem de não ser,  
esse te indico ser caminho em tudo ignoto,  
pois não poderás conhecer o que não é, não é  
consumável,  
nem mostrá-lo<sup>9</sup> [...] (B2.1-8a).

---

acha-se o bom acolhimento dispensado ao questionamento do A. sobre a conjectura de Diels: *eirgô* (“afasto”: B6.3); vide “Les deux chemins de Parménide dans les fragments 6 et 7”, *Phronesis* XXIV (1979), p. 1-32.

<sup>8</sup> É inquestionável que este passo nunca poderá constituir uma “terceira via”, independentemente do termo cancelado pela lacuna! Seja qual for o sentido atribuído à injunção de B6.2 (“reflete”), as ásperas críticas endereçadas ao costume dos mortais – por quem o ser e não ser é considerado o mesmo e o não mesmo” (B6.8-9a) – opõem-se à disjunção “que é/que não é” (B6.1-2a), que ecoa a oposição de B2.3 a B2.5.

<sup>9</sup> Excepto onde indicado, as traduções são minhas.

A despeito de leituras ilustres no sentido oposto<sup>10</sup>, sustento que o contexto do fragmento é indisputavelmente epistemológico<sup>11</sup>. A deusa refere “os únicos caminhos que há para pensar” (B2.2), visando a deixar claro que são *apenas* dois e *contrários* um ao outro: “é” (B2.3) e “não é” (B2.5).

No entanto, se não é fácil discernir o significado destes “pensar” e “pensamento”, constantemente presentes ao longo da “verdade”, muito menos ainda se poderá perceber que leitura pode ou deve ser atribuída aos “dois caminhos”.

Deixando ambas as perguntas em suspenso, proponho buscar em B2.6-8a indícios que permitam responder-lhes. Ao afirmar enfaticamente (*dê*: B6.6) que “conhecer o que não é é inconsumável” (*ou gar anyston*: B2.8b), a deusa assimila “pensar” a “conhecer”, confirmando a inserção do fragmento num contexto epistemológico<sup>12</sup>.

Todavia, uma vez que essa opção torna ainda mais obscuro o escrutínio do sentido a atribuir a “é/não é”, proponho de novo evitar o confronto imediato com esta pergunta, avançando através do exame das respostas que lhe foram dadas pelos comentadores.

Entre aqueles que encaram os “caminhos” como as únicas respostas dadas à pergunta sobre *como se conhece*, é consensual a inserção de “é”/“não é” num contexto predicativo<sup>13</sup>. Sendo suposto que este “pensar/conhecer” tenha, como *únicos objetos possíveis* seja “é”, seja “não é”, daí decorrerá haver “(algo) que é” e “(algo) que não é”, que por sua vez, terão de ser “alguma coisa”.

Neste ponto, porém, o intérprete depara-se com dois insondáveis mistérios, pois, se é impossível decidir com base no texto “o” que é ou não é,

<sup>10</sup> Por exemplo, entre muitos outros passos de textos seus, M. Heidegger, *Einführung in die Metaphysik* (1935) insiste repetidas vezes no enfoque do bloco B2-B3 no “ser”, traduzindo a abordagem da cognição na questão da “essência do homem” (cito a partir da tradução, em castelhano: *Introducción a la Metafísica*, Editorial Nova, Buenos Aires 1959, 176-185).

<sup>11</sup> Platão copia B2 na *República* V 477a *ad fin.*, num contexto ontoepistemológico, em que as competências “ser”/“saber”, contrapostas a “aparência/crença/opinião”, nunca se desvinculam dos seus “conteúdos”.

<sup>12</sup> A leitura de “pensar” com o sentido cognitivo foi estabelecida por K. von Fritz, “*Nous, Noein, and their Derivatives in Pre-Socratic Philosophy (excluding Anaxagoras)*”. In: MOURELATOS, A. P. D. (ed.). *The Pre-Socratics*. New York: Garden City, 1974, p. 23-85. Posteriormente outros AA. exprimiram a sua concordância com esta avaliação do “pensar”. Apesar de ser habitual a tradução “pensar”, *noein* significa “conhecer”, “apreender”, “compreender”, e *não* “pensar”, no sentido do raciocínio lógico.

<sup>13</sup> Na ausência de um “sujeito gramatical”, é possível pensar num “sujeito lógico”, que tomaria “é/não é” como os caminhos que há para pensar”: G. Owen, “Eleatic Questions”. In: ALLEN, R. E.; FURLEY, D. (Eds.). *Studies in Presocratic Philosophy*, p. 73, n. 49. Note-se que a atribuição de um “sujeito lógico” aos caminhos não implica atribuir-lhes um “sujeito gramatical” (p. 60-61).

ainda menos possível será encontrar um ou dois predicados que possam lhes ser atribuídos.

Essa impossibilidade talvez tenha justificado a opção de largo número de intérpretes – de longe os mais conhecidos e divulgados<sup>14</sup> – de conferir uma leitura existencial aos “é” usados, decidindo que os dois caminhos se referem a “o que existe” e “o que não existe”; ou seja, direta ou indiretamente ao mundo físico. No entanto, não só os problemas que esta opção levanta são imensos, como a identificação de “o que é” (ou “o ser”) com a realidade, a par da correlativa identificação de “o que não é” com “nada” (ou algo inexistente), é inconsistente com a argumentação desenvolvida em B2-B3, B6-B7, B8.1-49.

Essa inconsistência é evidente logo em B2, onde, por exemplo, é claro que nenhum sentido poderá ser atribuído à tese eleática sobre a qual toda a interpretação do Poema assenta:

pois não poderás conhecer o que não é, não é  
consumável,  
nem mostrá-lo [...] (B2.7-8a).

Se “o que não é” não pode ser conhecido<sup>15</sup>, a deusa está liminarmente a vetar o uso da negativa em qualquer tipo de enunciados, nomeadamente, existenciais, veritativos, identitativos e predicativos; pelo contrário caracterizando como necessária a correspondente existência, verdade, identidade e predicação de “o que é”. É contrafactual, parece absurdo, e, no entanto, ao contrário do que hoje é evidente, este interdito foi unanimemente aceito como um truísmo pela totalidade dos pensadores gregos da época clássica.

Por essa razão, penso que, para ultrapassar o contrasenso, há que começar por renunciar a ler os dois caminhos num contexto predicativo, interpretando-os antepredicativamente. Porém, antes ainda deve-se ter o cuidado de seguir a ordem da argumentação no interior do fragmento.

---

<sup>14</sup> Por exemplo, W. Guthrie, *A History of Greek Philosophy II*, Cambridge U. P., Cambridge 1965; G. S. Kirk, J. E. Raven (M. Schofield?), *Cambridge U. P., Cambridge 1957, 1983*; J. Barnes, *The Presocratic Philosophers I-II*, Routledge, London 1979.

<sup>15</sup> Nenhuma justificação para esta tese é dado no que nos chegou do Poema. Mas Górgias não deixa de deduzir B2.7 de B2.3 e B2.5: “... se as coisas pensadas são seres, as coisas que não são não serão pensadas. Pois aos contrários correspondem os contrários e o que não é é contrário ao que é (B3.80). Neste contexto, o argumento é circular: “o que é” pode ser conhecido porque “o que não é” é incognoscível; a incognoscibilidade de “o que não é” decorre de ser contrário a “o que é”.

Há, na formulação dos caminhos, duas notas a que se deve prestar atenção. A primeira decorre da oposição das únicas duas vias conducentes ao conhecimento: “que é”/“que não é”. A relação entre elas só pode ser de contrariedade (ou contradição) porque – como B2.3b, B2.5b atestam – a negação de cada uma *só* pode conduzir à outra.

É dessa relação que resulta a segunda nota, cuja importância é capital para a interpretação do argumento. Sendo contraditórias, as duas vias para o conhecimento são as únicas possíveis (*mounai*: B2.2), excluindo qualquer outra possibilidade.

Esta consequência puramente formal é facilmente captável pela aplicação da negativa ao verbo ‘ser’. Não só em nenhum outro par de opostos a contradição é mais evidente do que em “que é”/“que não é”, como essa evidência certifica a impossibilidade de uma “terceira via”. A conjugação destas duas razões basta para dispensar a atribuição de qualquer sujeito ou predicado às duas formulações (das quais, de resto, se acha ausente).

Que sentido haverá então na proposta de uma leitura predicativa dos dois caminhos? Não valerá a pena avançar uma leitura de B2 num contexto não-predicativo, dito “antepredicativo”?

### **Contexto antepredicativo e antepredicatividade**

A noção de ‘antepredicatividade’ aqui desenvolvida é destituída das implicações metafísicas que dela decorrem nas obras de Husserl e Heidegger, onde é *grosso modo* caracterizada como uma forma captação “originária” do conhecido. Limita-se a explorar a ausência de sujeito e predicado nas formulações dos caminhos, recusando às formas de *einai* usadas o valor da cópula que relacionaria um *sujeito* com um *objeto* do conhecimento, um e outro supostos.

Ao contrário, num contexto antepredicativo, os dois caminhos são lidos como nomes. Se é postulado que “que é” é o nome do qual pode haver conhecimento, “que não é” será um nome negado, um “não nome”, cujo “conhecimento” não poderá ser “consumado”<sup>16</sup> (B2.7: *vide* a caracterização

<sup>16</sup> Embora “que não é” não deixe de ser um dos dois caminhos para pensar, a tese em B2.7-8 declara que dele não pode haver conhecimento. De ‘não é’ – tal como de “ninguém” (*Outis*: *Iliada* IX, 408-412) – como todos os Gregos sabiam –, não pode haver conhecimento. Em Platão, são diversas as evidências do tratamento do *logos* como nome (*Crátilo* 429b-430a; *Sofista* 244c-d). No *Eutidemo* 283c-d, os nomes ‘Clínias sábio’ e ‘Clínias ignorante’ nomeiam duas entidades: “Clínias vivo” e “Clínias morto”.



da via como “impensável e anônima” e a “necessidade” de a “abandonar” (*ean*), em B8.16b-18a).

Apesar de ser declarado tardiamente, o abandono da “via negativa” constitui a chave de todo o argumento de B2. É dele e só dele que decorre a constituição de “que é” como a única via susceptível de proporcionar conhecimento, permitindo a identificação de “ser” com “pensar/conhecer” e garantindo a identidade do conhecimento ao conhecido no caminho “que é”:

... pois o mesmo é pensar e ser (B3).

Ao contrário do que ocorre na inserção de B3 num contexto predicativo<sup>17</sup>, a identidade de “conhecimento” e “ser” exprime uma relação puramente formal. Sem sujeito e objeto do conhecimento, não há qualquer entidade a ser conhecida. B3 se limita a estipular que todo conhecimento “é”, não havendo conhecimento que “não seja” ou seja “não conhecimento”, numa relação em que a faculdade, o seu exercício e resultado necessariamente coincidem<sup>18</sup>.

A coalescência destes, para nós, distintos aspectos da cognição – “conhecer”, “conhecimento” e “conhecido” – é reveladora da leitura antepredicativa dos dois caminhos, caracterizando um *estado* cognitivo infalível, que tem como pressuposto a verdade (como se viu, um conhecimento não-verdadeiro não é conhecimento).

Encontro nesta característica do pensar/conhecer a causa da incapacidade de conferir hoje sentido ao argumento eleático. Esta concepção do ‘conhecimento’ é incomensurável com a nossa, cuja natureza *processual* decorre de consistir numa *relação* entre duas entidades, expressas por dois termos contrapostos: um sujeito e um objeto.

Paralelamente – gerando uma dificuldade adicional ao intérprete – neste contexto, a *existência* do conhecimento (e não do *objeto* do conhecimento) constitui, tal como a verdade, um pressuposto, pois não é concebível que “o que é” possa não *existir*.

---

<sup>17</sup> Na qual, encarando “pensar” como a faculdade cognitiva e “ser” como a realidade conhecida, o ser é extraído do pensar, ou este último lhe é atribuído. Pelo contrário, num contexto antepredicativo, “o que é” e “o que pode ser conhecido” são nomes diferentes da mesma entidade (“o ser” e “o pensar”: B3, B8.34)

<sup>18</sup> J. . Hintikka, “Knowledge and its Objects in Plato” In: *Knowledge and the Known*, p. 6-7.

É, no entanto, necessário notar que, como *pressupostos* da cognoscibilidade de “é”, “existência” e “verdade” – a par de outros, avançados em B8.1-49 – não podem ser encarados como *predicados*, sob pena de violarem o contexto antepredicativo<sup>19</sup>.

B6-B7

B7.1-2

(1) Pois nunca isto será demonstrado: que são coisas que não são;  
mas afasta desta via de investigação o pensamento.

B7.1 é talvez o verso mais polêmico do *Da natureza* e por razões diversas. Platão cita-o duas vezes no *Sofista* (237a, 258d) associado a B7.2<sup>20</sup>, derivando dele a substância da sua “agressão ao pai Parmênides”:

“impor-lhe pela força que o que não é de certo modo é e que por sua vez também o que é de algum modo não é” (241d).

A agressão ao Eleata é justificada, no *Sofista*, pela intenção de desarticular a estratégia sofística, que explorava B7.1 para sustentar a impossibilidade da falsidade e da contradição (denunciada, mas não refutada, no *Eutidemo* 284-286 e no *Crátilo* 429-430).

Todavia, em fontes muito posteriores – Sexto e Simplicio –, atenua-se a importância conferida ao verso, emergindo a sua posição como articulador de B6 com B7. Associado a B6.8-9a, B7.1 constitui o núcleo da problemática aproximação das “opiniões dos mortais” à argumentação da “verdade”, pois,

<sup>19</sup> A diferença entre um ‘pressuposto’ e um ‘predicado’ é clara. Como o predicado é distinto daquilo que predica (ou não há ‘predicação’, mas ‘identidade’), a sua atribuição pode resultar em ‘verdade’ ou ‘falsidade’. Nenhuma destas condições se aplica ao pressuposto, que, por inerir na natureza daquilo de que é pressuposto, dele se não distingue, como é evidente na condição a que todo o conhecimento terá de atender para ser conhecimento: “se P, então P”.

<sup>20</sup> Aristóteles cita-o isolado (*Met.* N2,1089a4) e Platão também o refere isolado pela boca de Eutidemo (*Eutid.* 284b3-4). A montagem B7.1-2 faz de Platão a única fonte do bloco B7.1-B81a. A partir de B7.2, os restantes versos do fragmento – aos quais se segue B8.1b –, são citados por Sexto (*Adv. Math.* VII 111) após a citação de B1.1-30, e repetidos, a partir de B7.3, após a paráfrase do Proêmio (*Ibid.* 114). Os versos B8.1-61 – permitindo a montagem integral dos dois fragmentos – são citados por Simplicio em diversos passos da sua *Physica* (vide as referências em F. Santoro 2009, 36-41).

considerar “o ser o mesmo e o não mesmo” implica “cair em contradição” (Simplicio *Phys.* 117,2), e “unificar o ser e o não-ser” (*Ibid.* 78,2) é equivalente a sustentar que “são coisas que não são”.

B6.4-9

... .. os mortais, que nada sabem,  
(5) vagueiam, com duas cabeças: pois a incapacidade  
lhês guia no peito a mente errante; e são levados,  
surdos ao mesmo tempo que cegos, aturdidos, multidão  
indecisa,  
por quem o ser e não ser é considerado o mesmo  
e o não mesmo, mas é caminho regressivo de todos.

É nesta aproximação que se encaixa a citação de B7.3-B8.1a por Sexto Empírico:

B7.3-5a

(3) não te force por este caminho o costume muito  
perimentado,  
deixando vaguear olhos sem foco, ouvidos soantes  
(5) e língua.

Em B7.3-5a, após, em rápida sucessão, ter proclamado ao jovem três proibições - (1) que não sustente “que são coisas que não são” (B7.1); (2) que afaste o seu pensamento dessa via (B7.2); (3) que não se deixe forçar pelo “caminho muito experimentado” do ver, ouvir e falar (B7.3-5a) -, a deusa remata com uma quarta ordem, essa positiva:

B7.5-B8.1a

(B7.5b) ... mas decide pela palavra a prova muito disputada  
(B.8.1a) de que falei.

É essa sucessão que justifica a conclusão de Sexto, segundo a qual a finalidade de Parmênides é:

“proclamar a razão cognitiva (*epistêmonikon logon*) como o cânone da verdade nos entes, deixando de prestar atenção aos sentidos” (*Adv. Math.* VII 114; DK28B7).

Este conjunto de citações, retiradas dos contextos em que os fragmentos referidos se acham inseridos, é bem esclarecedor das interpretações a que o “pensamento de Parmênides” foi submetido. A despeito das distâncias no tempo a que se acham uns dos outros (Platão: séc. IV a. C.; Sexto: séc. III a. d.; Simplicio: séc. VI), todos concorrem em ler predicativamente B.7.1.

Significa isto que afirmar que “coisas que não são são” é sustentar que existentes não existem ou não são (isto ou aquilo). Portanto, se, com esta leitura da sua proibição, a deusa implica que ao longo de B2-B3-B6-B7 – e consequentemente B8.1-49 – a argumentação de Parmênides se refere às coisas que existem e à possibilidade do seu conhecimento, que sentido haverá na proposta de uma leitura antepredicativa de B6-B7? É a essa pergunta que tentarei responder.

### **Leitura antepredicativa de B6-B7**

Para a interpretação de B.7.1 concorrem imediatamente dois problemas: que são estas “coisas que não são”?; como se poderá afirmar ou negar que “são ou não são”? Defendi atrás que negar aos “é/não é” o valor de cópulas implica ler os dois caminhos como nomes: respectivamente “o (nome) que é” e “o (nome) que não é”<sup>21</sup>. Neste contexto, a impossibilidade do conhecimento de “o que não é” constitui um truísmo, resultando de não poder haver conhecimento de um ‘não-nome’, de um nome que, por ser negado, não pode ser conhecido.

De acordo com esta interpretação dos caminhos, “[coisas] que não são” serão ‘não-nomes’. Embora, na medida em que são ditos constituam nomes, pelo fato de serem negados não podem nomear<sup>22</sup>. Consequentemente, em termos formais, a não-identidade de um ‘não-nome’ é contradita pela identidade exigida pela sua função nominativa, viciando a possibilidade de afirmar que “coisas que não são são” e justificando o interdito da deusa<sup>23</sup>.

<sup>21</sup> Dispensando o tradutor ou intérprete de atribuir leituras divergentes – completas ou incompletas elípticas – às formas de *einai* usadas, requeridas por um contexto predicativo.

<sup>22</sup> Esta impossibilidade, note-se, é de todo independente das entidades que nomeariam e da sua existência. Em B8.40-41 e B19.1-2, a deusa dá exemplos de ‘não-nomes’: ‘gerar-se’, ‘destruir-se’, ‘ser e não ser’, ‘mudar de lugar’, ‘mudar a cor brilhante’.

<sup>23</sup> O mesmo resultaria de afirmar que “coisas que não são não são”, pois, nesse caso, não era a contradição entre “coisas que não são” e “(coisas) que são” que justificaria o interdito, mas a contradição interna do ‘não-nome’. Veja-se o argumento no Pseudo-Aristóteles (*De Melisso, Xenophane, Gorgia*: 979a25-26; DK82B3a):

## B8

Passo a B8. Em nenhum outro passo do Poema é mais nítido o conflito das interpretações do que em B8. Para os que lêem Parmênides num contexto predicativo, os “sinais” de “é” exprimem os atributos do Ser. Para uma abordagem do fragmento num contexto antepredicativo, esses ‘atributos’ não são mais que os pressupostos da exigência de cognoscibilidade de “é”. Aquilo que os primeiros vêem como uma ontologia – na verdade, as bases de toda a Ontologia – é visto pelos segundos como o conjunto de condições formais que tornam possível a cognição, tal como o Eleata a descreve em B2-B3.

### III

## Platão e os sofistas

A necessidade de ilustrar a vigência destas teses nas fontes, na relação entre B6 e B7, justifica a digressão por Platão e pelos mais importantes sofistas.

### 1. Platão

No *Sofista*, o Hóspede de Eléia sustenta que “o que não é é impensável, impronunciável, indizível e inexplicável” (238c, e). Note-se, porém, que estas quatro impossibilidades não remetem para o mesmo contexto, pois, se “inexplicável” (*alogon*) significa “não-predicável”, no contexto da argumentação do HE<sup>24</sup>, qualquer das outras antecede a predicação<sup>25</sup>.

Adiante, no decurso da enumeração das aporias do ser, a propósito dos Eleatas (244b-245e), embora o foco incida nas conseqüências da tese da

---

“Se o não-ser é não ser, o não-ser nada é menos que o ser”. Veja-se ainda a recuperação deste argumento por Platão, após a reformulação da negativa como ‘diferença’ (*Sof.* 257e-258b, com a repetição por quatro vezes da expressão *ouden héttou*, ou equivalente).

<sup>24</sup> A “o que não é” nenhuma coisa “que é” pode ser “atribuída” (*epipherein*), como mostram os exemplos aduzidos (237c ss.).

<sup>25</sup> O contexto antepredicativo é notável na segunda vaga de aporias sobre “o que não é” (239a). A impossibilidade de “dizer o que não é” como “um ou muitos” (238d-e: no singular ou no plural) afecta o nome, não a sua inserção no *logos* (238e-239a). Dizer “o que não é” é “não dizer absolutamente nada”, é “nem sequer falar” (238e; vide *R.* V 478b; *Teet.* 189a-b; no *Crá.* 429e-430a, um ‘não-nome’ é um mero ruído).

unidade do ser (244b), é a própria possibilidade de o nome ‘o que é’ ser o mesmo que a entidade nomeada<sup>26</sup> que é posta em causa:

“... se sustentar que o nome é o mesmo que a coisa, ou é obrigado a dizer que é nome de nada, ou, se disser que é nome de algo, seguir-se-á que o nome é nome do nome e de nenhuma outra coisa”<sup>27</sup> (244d).

Estas considerações explicam o esforço feito adiante no diálogo para constituir o enunciado como uma “combinação de nome e verbo”, que “não somente nomeia, mas conclui algo” (262d); e que, uma vez que “afirma e nega” (263e) “algo acerca de algo” (263b), pode ser verdadeiro ou falso (263b).

Supportando toda esta cadeia de problemáticas, persiste, como hipótese unificadora do programa de pesquisa desenvolvido no diálogo, a concepção de que a linguagem se refere ao real. A questão suscitada por este programa é a de que as teses platônicas visam a superar problemas, alegadamente postos pelos sofistas, relativos à incapacidade de usar a linguagem para descrever a realidade.

## 2. Sofistas

Por essa razão, defenderei aqui a tese de que encontramos em Górgias e Protágoras sinais inegáveis de duas concepções autoreferenciais da linguagem, possivelmente inspiradas, ou pelo menos consentidas, por uma interpretação antepredicativa do argumento de Parmênides.

### 2.1 Górgias

É nos fragmentos 3 e 3a que o sofista condensa os seus argumentos contra a possibilidade de usar a linguagem para descrever o real, defendendo implicitamente uma concepção autoreferencial da linguagem, usada para *persuadir* o ouvinte (e não para *descrever* o real ou *comunicá-lo* a outrem).

Assimilando o ‘pensamento/conhecimento’ referido por Parmênides ao exercício do pensamento pelo homem comum – o que contraria

---

<sup>26</sup> Lendo o nome como uma entidade que se refere a si própria.

<sup>27</sup> As traduções do *Sofista* são de H. Murachco, J. Maia Jr., J. Trindade Santos (*O Sofista, Platão*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2011).

expressamente a argumentação do Eleata -, Górgias defende as seguintes teses (resumo DK82B3,77-85):

G1. Se as coisas pensadas (*ta phronoumena*) fossem reais, teriam de existir (como “Cila”, a “Quimera” ou qualquer ser imaginário); o que é absurdo;

G2. se as coisas vistas não são ouvidas, e vice-versa, as coisas pensadas não seriam vistas nem ouvidas (permitindo que qualquer coisa pensada por qualquer pessoa fosse real); o que é absurdo;

G3. se os sentidos (vista, ouvido, etc.) percebem coisas diferentes, não *revelam* as mesmas coisas;

G4. as palavras (*logoi*) não *revelam* as coisas, apenas mostram como cada uma as percebe.

## 2.2 Protágoras<sup>28</sup>

Em relação à problemática da percepção da realidade, é possível extrair quatro grandes teses das doutrinas que Platão atribui a Protágoras:

P1. “O homem é a medida de todas as coisas; das que são, como são, das que não são, como não são” (*Teet.* 152a; *Crá.* 385e ss.; DK80B1);

P2. “As coisas são para cada um tal como as percebe” (*Teet.* 152a; 170a);

P3. “As opiniões dos homens são sempre verdadeiras” (a partir de *Teet.* 170c; *vide* 170a- 171c);

P4. “A falsidade (logo, a contradição) é impossível” (*Eutid.* 284c, 285d-286c; DK80A19; *vide* *Crá.* 429d).

Reforçando a leitura antepredicativa das teses de Protágoras, tentarei distinguir - no que o sofista terá dito ou Platão lhe atribui -, um nexos que ligue estas quatro teses, apontado a partir da relação entre os dois sofistas.

As teses radicais pertencem a Górgias: G1-G4 negam ao pensamento, à percepção e ao discurso a capacidade de atingir o real. Pelo contrário,

---

<sup>28</sup> Ao contrário do que ocorre com Górgias, as teses de Protágoras são conhecidas através dos diálogos platônicos; circunstância que torna impossível distinguir a figura histórica da personagem platônica. No *Teeteto* (152b-179c), Platão refere e critica extensamente o sofista a partir do escrito perdido *Peri alêtheias*. No *Eutidemo* e no *Crátilo*, refere-se a ele através das personagens do diálogo, aludindo a uma “escola de Protágoras” (*Eutid.* 286c; *Crá.* 385e-386c). No *Protágoras* é transcrito um mito atribuído ao sofista (320-328), cujo conteúdo não é relevante para o tópico em estudo.

Protágoras – a despeito de poder admitir estas posições – matiza-as retóricamente, convertendo as sucessivas negações das capacidades dos homens em afirmações positivas da sua liberdade.

Focadas na defesa da autonomia do cidadão, P1 e P2 confirmam a negação gorgiana da capacidade humana de chegar ao real. Mas, como se verá, o golpe de gênio é dado em P3<sup>29</sup>, de que P4 constitui um corolário.

### O cerne da argumentação sofisticada

Se esta interpretação for aceite, é claro que o traço comum à argumentação dos dois sofistas assenta no princípio da autoreferencialidade do discurso. É porque os *logoi* não são capazes de descrever a realidade que só podem remeter para si próprios<sup>30</sup>.

Aceite este princípio, a atribuição da verdade a todas as opiniões e a negação da possibilidade de dizer falsidades e de contradizer-se seguem-se sem problemas. É através destas duas teses que a genialidade de Protágoras torna “politicamente corretas” doutrinas que, embora em tudo semelhantes às de Górgias<sup>31</sup>, não geram a oposição que Platão patenteia no *Górgias*.

A manobra de Protágoras desloca a questão, da relação entre o discurso e a realidade, para uma nova relação, que assimila as faculdades perceptivas ao discurso. Na medida em que cada um diz o que sente e pensa, diz a verdade. Essa “verdade” não mais expressa a relação entre o discurso e o real, mas a inevitável coincidência entre a interioridade de cada opinante e o discurso que a explicita.

### Parmênides e os sofistas

É neste ponto que se localiza o pomo da discórdia entre os intérpretes. Sendo evidente que a concepção autoreferencial do discurso

<sup>29</sup> Note-se que a tese de que todas as opiniões são verdadeiras nunca é expressamente atribuída a Protágoras, mas deduzida por Platão de dados colhidos da “Verdade” (*vide Teet.* 170a-171c).

<sup>30</sup> O princípio serve para levar ao extremo a autonomia do “discurso” (*logos*): Górgias *Elogio de Helena* 8 (82B11.8), defendendo o poder da Retórica (*vide* Platão *Górgias* 455d-456c). No entanto, por detrás da afirmação do seu poder acha-se a denegação da capacidade humana de chegar ao real através do pensamento e da sensopercepção (G1-G3).

<sup>31</sup> Note-se, no *Górgias*, como o ataque de Platão se apoia na *insouciance* do sofista (449a-c, 452e, 455d-e, 456b-c, 459c) e na sua declaração de irresponsabilidade pelas consequências de um ensino não apoiado num saber efectivo (456d-457c; *vide* José Trindade Santos, “Górgias e o *Górgias* de Platão”, *Archai*, 7 (2011), 55-66).



assenta num contexto antepredicativo, a diferença entre os intérpretes reside em atribuí-la à distorção das leituras que os sofistas fazem de Parmênides, ou imputar ao Eleata a responsabilidade por essa concepção.

#### IV

##### **Antepredicatividade e cognição**

As dificuldades postas pela interpretação do Poema de Parmênides acham-se condensadas em B2-B3. Inserida num contexto predicativo, a identidade de ‘pensar’ e ‘ser’ extrai a realidade do conhecimento; abordada num contexto antepredicativo, reduz-se a uma inócua tautologia.

No entanto, num contexto antepredicativo, essa tautologia não será sequer uma tautologia, pois não relaciona dois termos distintos. A análise do argumento da ‘verdade’ atrás realizada mostra que sustentar que “todo conhecimento é”, entende “que é” como o nome que “pode ser conhecido”, conferindo à cognição o estatuto de infalibilidade com que se manifesta nos textos na filosofia clássica grega.

É claro que a imposição deste estatuto resulta da inserção da argumentação eleática num contexto predicativo, operada pelos pensadores que foram influenciados pelas teses que colheram do *Da natureza*. No entanto, nem todos são sensíveis ao problema criado, pois, só Platão se atribuiu a tarefa de erradicar as dificuldades criadas pela antepredicatividade, mostrando que a cognição só pode ser entendida num contexto predicativo.

Como mostrei atrás, Parmênides é alheio à dificuldade. Por isso, o objetivo desta comunicação foi mostrar que a inserção dos dois “caminhos para pensar” num contexto predicativo não só não é legitimada pelo texto, como torna incompreensível o argumento de Parmênides; enquanto, pelo contrário, uma interpretação antepredicativa não apenas lê textualmente as formulações dos dois caminhos, como explica a larga aceitação concedida ao argumento na Antiguidade.

Por isso, o fato de a generalidade das leituras a que as teses eleáticas foram submetidas na Antiguidade serem inseridas num contexto

predicativo<sup>32</sup> não deve nos impedir de atentar nos sinais da antepredicatividade que nelas persistiram.

Como se viu, eles se colhem, sobretudo, nas leituras sofisticadas de B7.1:

“não imporás isto: que são coisas que não são”.

Pontualmente referidas por Platão no *Eutidemo* e no *Crátilo*, essas leituras constituem o coração da estratégia sofisticada, que é o objeto da refutação levada a cabo no *Sofista*. Mas, bastará atentar na exigência de infalibilidade do saber, pacificamente avançada nos diálogos (*Górgias* 454d; *vide República* V 477e; *Teeteto* 152c), para perceber que as características eidéticas das Formas – imutabilidade, perfeição, eternidade, etc. – constituem reflexos dos pressupostos eleáticos da cognoscibilidade que nos diálogos sobre a TF Platão tenta sem sucesso inserir num contexto predicativo<sup>33</sup>. Na obra platônica, a tensão entre os contextos predicativo e antepredicativo mantém-se na relação da TF e da anamnese com a dialética (*Fédon*, *República*), até ser definitivamente resolvida pela associação da predicação à participação, no *Sofista*.

## Referências bibliográficas

### A. Fontes

Pré-socráticos e Parmênides:

*Die Fragmente der Vorsokratiker, griechisch und deutsch, übersetzung von H. Diels, herausgegeben von W. Kranz*. I-III, Zürich, Hildesheim 1951-2<sup>6</sup>.

*Poema de Parmênides: Da Natureza* (Edição do texto grego, tradução e comentários de F. Santoro). Rio de Janeiro: Azogue, 2009.

*Parmênides, Da natureza* (Tradução, comentário e notas de José Trindade Santos). São Paulo: Loyola, 2003.

Platão:

*Platonis Opera* (Ed. I. Burnet. I-V). Oxford: Oxford U. P., 1900-1907.

Aristóteles:

<sup>32</sup> Ou seja, a circunstância de, nas obras daqueles que reconhecem a influência de Parmênides, a argumentação eleática ser transposta para o registro predicativo, no qual todo o conhecimento é conhecimento de “algo”, identificado com o mundo físico ou qualquer ente nele existente.

<sup>33</sup> As Formas são predicadas, não *possuem* os predicados que conferem às suas instâncias. É a confusão destes dois regimes de predicação que dá origem ao “argumento do terceiro homem” (*vide* N. Fujisawa, “*Echein, metechein*, Idioms of Paradeigmatism in Plato’s Theory of Forms”, *Phronesis* XIX, 1974, 30-56).

Aristoteles, Bekkerus, I. 1831. *Aristoteles Graece: ex recognitione Immanuelis Bekkeri*, Berolini, G. Reimer.

Teofrasto:

*Sobre las sensaciones* (Edición, introducción, traducción y notas de José Solana Dueso). Barcelona: Anthropos, 2006<sup>2</sup>.

Sexto Empírico:

*Against the Logicians*. Harvard: Loeb Classical Library, W. Heinemann, Harvard U. P., 1967.

## **B. Bibliografía secundaria**

### **B1. Livros**

AUSTIN, S. *Being, Bounds and Logic*. New Haven & London: Yale U. P., 1986.

Cordero, N.-L. *By Being, It Is*. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2004.

\_\_\_\_\_. *Les deux chemins de Parménide*. Paris/Bruxelles: VRIN/OUSIA, 1984.

DENYER, N. C. *Language, Thought and Falsehood in Ancient Greek Philosophy*. London: Routledge, 1991.

GUTHRIE, W. *A History of Greek Philosophy II*. Cambridge: Cambridge U. P., 1965.

KAHN, C. *The Verb 'Be' in Ancient Greek, With a New Introductory Essay*. Indianapolis: Hackett, 2003 (D. Reidel, Dordrecht/Boston: 1973).

MOURELATOS, A. P. D. *The Route of Parmenides*. New Haven & London: Yale U. P., 1970.

PALMER, J. *Plato's Reception of Parmenides*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

Santos, J. T. *Platão: A construção do Conhecimento*. São Paulo: Paulus, 2012.

### **B2. Coletâneas**

ALLEN, R. E.; FURLEY, D. (eds.). *Studies in Presocratic Philosophy*. London: Routledge, 1975.

ANTON, J. P.; KUSTAS, G. L. (eds.). *Essays in Ancient Greek Philosophy I*. Albany: SUNY Pr., 1971.

Cordero, N.-L. (ed.). *Parmenides, Venerable and Awesome*. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2011.

FINE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Plato*. Oxford: Oxford U. P., 2008.

FINE, G. (ed.). *Plato I*. Oxford: Oxford U. P., 1999.

HINTIKKA, J. *Knowledge and the Known*. D. Reidel, Dordrecht/Boston: 1974.

NEHAMAS, A. *Virtues of Authenticity*. Princeton: Princeton U. P., 1999.

MOURELATOS, A. P. D (ed.). *The Pre-Socratics*. New York: Garden City, 1974.

PATTERSON, R.; KARASMANIS, V; HERMANN, A (eds.). *A Festschrift in honour of Charles Kahn, Presocratics and Plato*. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2012.

### **B3. Artigos:**

BROWN, L. "Negation and not-being: Dark Matter in the *Sophist*". In: PATTERSON, R.; KARASMANIS, V; HERMANN, A (eds.). *A Festschrift in honour of Charles Kahn, Presocratics and Plato*. Las Vegas: Parmenides Publishing, 2012, p. 233-254.

\_\_\_\_\_. "The *Sophist* on Statements, Predication and Falsehood". In: FINE, G. (ed.). *The Oxford Handbook of Plato*. Oxford: Oxford U. P., 2008., p. 437-462.

\_\_\_\_\_. "Being in the *Sophist*: a Syntactical Enquiry". In: FINE, G. (ed.). *Plato I*. Oxford: Oxford U. P., 1999, p. 455-478 (1986<sup>1</sup>).

CURD, P. "Parmenidian Monism". *Phronesis*, XXXVI/3 (1991), p. 241-264.

FINKELBERG, A. "Parmenides' Foundation of the Way of Truth", *Oxford Studies in Ancient Philosophy VI*, (1988), p. 39-68.

FRITZ, K. von. "*Nous, Noein*, and their Derivatives in Pre-Socratic Philosophy (excluding Anaxagoras)". In: MOURELATOS, A. P. D (ed.). *The Pre-Socratics*. New York: Garden City, 1974, p. 23-85.

HINTIKKA, J. "Knowledge and its Objects in Plato". In: *Knowledge and the Known*. D. Reidel, Dordrecht/Boston: 1974, p. 1-30.

KAHN, C. "Introduction" to *The verb 'be' in Ancient Greek*<sup>2</sup>. In: KAHN, C. *The Verb 'Be' in Ancient Greek, With a New Introductory Essay*. Indianapolis: Hackett, 2003 (D. Reidel, Dordrecht/Boston: 1973), I-XL.

NEHAMAS, A. "On Parmenides' Three Ways of Enquiry". In: *Virtues of Authenticity*. Princeton: Princeton U. P., 1999. P. 125-137; *Deukalion*, 33/34 (1981), p. 97-112.

OWEN, G. "Eleatic Questions". *Studies in Presocratic Philosophy II*, p. 48-81; *Classical Quarterly* 10 (1960), p. 84-102.

SANTOS, J. T. "A "questão da existência" no Poema de Parmênides". *Filosofia Unisinos* 13.2 (2012), p. 182-198.

\_\_\_\_\_. "Pensando o Ser no Poema de Parmênides", *Hypnos* 26 (2011), p. 48-72.

WOODBURY, L. "Parmenides on Names". ANTON, J. P.; KUSTAS, G. L. (eds.). *Essays in Ancient Greek Philosophy I*, Albany: SUNY Pr., 1971, p. 145-162.

E-MAIL: jtrin41@gmail.com

RECEBIDO: Novembro/2012  
APROVADO: Dezembro/2012